

Pastore ainda confia em renegociação ampla

O presidente do Banco Central, Affonso Pastore, assegurou ontem que não houve "retrocesso nenhum" nas conversas preliminares que manteve nos Estados Unidos — juntamente com o ministro do Planejamento, Delfim Netto — com os banqueiros credores em torno da próxima renegociação da dívida externa. "Continuo firme na idéia de que nós vamos conseguir uma renegociação que englobe mais de um ano" — garantiu, após reunir-se com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas.

Pedindo para que seja lida a "corretamente" a nota distribuída na semana passada pelo vice-presidente do Citibank, William Rhodes, onde se afirma que "vai começar em outubro a renegociação do programa brasileiro de 1985", o presidente do BC explicou que isto não quer dizer que o País tenha obtido a concordância dos credores para rolar apenas a dívida do próximo ano. Antes de viajar aos EUA, Pastore havia garantido na Escola Superior de Guerra (ESG) que o Brasil obterá uma "renegociação plurianual".

SUCESSÃO

Durante os contatos com os banqueiros e com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington, em nenhum momento foi colocada a questão da sucessão presidencial no Brasil, como fator de indefinição. De acordo com Affonso Pastore,

"ninguém colocou a questão política" e realmente não houve adiamento nos cronogramas anteriores. "O que nós sempre colocamos aqui é que a negociação seria iniciada com os bancos depois da reunião anual do FMI, entre 23 e 27 de setembro, e é isso que acontecerá, logo, não existe nenhum adiamento".

Disse que o Governo brasileiro pretende concluir as sondagens que ainda faltam junto aos banqueiros, durante a reunião do Fundo, apresentando, em seguida, já em outubro, a proposta de novos recursos para cobrir os débitos dos próximos anos. Pastore se negou a confirmar a possibilidade de se pedir apenas US\$ 3,4 bilhões de recursos novos para 1985 e informou que, nas próximas semanas, deve ter "uma idéia mais clara sobre o encaminhamento da renegociação da dívida do México".

Sobre a aparente divergência entre sua proposta de renegociação plurianual da dívida e a nota do Comitê de Assessoramento dos bancos credores, o presidente do Banco Central procurou explicar que houve interpretação errada dos termos da nota emitida por William Rhodes. "A nota diz que a renegociação do programa brasileiro de 1985 começará em outubro, e o programa brasileiro de 85 é alguma coisa um pouco mais ampla do que apenas

um ano, naquele programa, você pode ter uma renegociação mais ampla, e é isto que vamos decidir em outubro" — garantiu.

"BAIXINHO"

Reafirmou que o Brasil fechará este ano com um déficit em conta corrente (que mede a dependência de recursos externos) "bem abaixo dos US\$ 5 bilhões" inicialmente esperados, graças ao desempenho das exportações. O déficit em conta corrente no primeiro semestre ainda não está totalmente fechado, mas, segundo Pastore, será "algo baixo", pois, no período janeiro-abril, este número ficou em torno de US\$ 200 milhões.

Informou que o Banco Central não está acompanhando os estudos do Ministério da Fazenda e da Secretaria de Planejamento para liberar importações neste semestre e que, quanto à vinda da missão do FMI no próximo dia 13, "o objetivo será a definição das metas trimestrais do programa de ajustamento para setembro e dezembro".

O presidente do Banco Central negou também que a recusa brasileira em usar o sistema de cofinanciamento junto ao Banco Mundial, definida durante a viagem aos Estados Unidos, possa inviabilizar a possibilidade de obtenção de um novo empréstimo-jumbo junto aos bancos comerciais.